

Estética do Desaparecimento

Camila Lima

Marcus Takatsuka

Ramsés Rocha

Flâneur

Personagem que surgiu com a modernidade e os processos de urbanização. É um observador que caminha pelas ruas, atento a cada detalhe. Está em todos os lugares e ao mesmo tempo em lugar nenhum. Entre todos, porém sozinho. Dividido entre o encantamento e o temor da cidade.

Foi Walter Benjamin, baseado na poesia de Baudelaire, que fez com que a figura do *flâneur* se tornasse objeto de interesse acadêmico, como personagem emblemático do urbano e da experiência moderna.



Paul Gavarni, Le Flâneur, 1842

Picnolepsia

Dá-se o nome de picnolepsia (lapso frequente) a um fenômeno comum na infância que é a perda de consciência daquilo que acontece perante os olhos. Em muitos casos é algo induzido pela criança e está diretamente relacionado ao jogo, a brincadeira, ao mundo privado dos olhos adultos e ao ato de sentir, que é a própria emoção estética.

Já na adolescência, que Virilio chama de “idade dos maus hábitos” (drogas, masturbação, álcool), vemos uma tentativa de reconciliação consigo mesmo, o que leva ao uso imoderado de fontes tecnológicas e midiáticas (computador, internet, televisão, vídeo games, etc).

As transformações técnicas da sociedade são seguidas pelas modificações de percepção estética e com o advento da velocidade e do excesso de informações, temos um espectador saturado de imagens e de informações. Contrário ao que se deveria pensar, quanto mais informado, menos “encaixado” ele se sente, já que devido a sua experiência sensível, os dados parecem distantes, estranhos e disformes. É uma espécie de ausência que não se deixa conformar, causando uma “apatia, que faz com que quanto mais informado esteja o homem, mais se estende o deserto do mundo ao seu redor” (Virilio).

Crise de Identidade

Identidade iluminista:

indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. O "centro essencial" do indivíduo seria a identidade.

Identidade sociológica:

identidade preenche o entre-espço interior e exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público, é a interação entre a sociedade e o eu.

Identidade pós-moderna:

identidades mutantes, fragmentadas, em trânsito, instáveis, adequadas à diversidade e simultaneidade de tempos individuais e sociais.

Lógica do Estranhamento

Todos somos estranhos, mas não da mesma forma e intensidade.

Humanismo Universalista é travestimento de um imperialismo masculino, heterossexual, burguês e euro-americano.

Sujeito plural, composto por fluxos: máquina de desejos.

Autonomia do sujeito substituída pela deriva e pelo acaso.

Aprender a sentir, ultrapassar a mera sobrevivência, educação dos sentidos e sentimentos.

Encontros e Desencontros



Paul Virilio - "A Estética do Desaparecimento"

"Em suas memórias íntimas, eruditos alemães do começo do século XX adoravam alternar metodicamente entre uma relação de seus dias e histórias de seus sonhos, tentando criar uma equivalência entre o estado acordado e o universo onírico. Esse estilo foi uma tentativa de dar fim à discriminação abusiva entre o acordado e o dormir: 'Os que dormem estão em mundos separados, os acordados, no mesmo' (Heráclito)." (Virilio, 1991, p.29)

Se um modo de perceber o mundo ganha superioridade sobre os outros, ficamos cegos para outras possibilidades. Se o mundo é o que é porque nós os caracterizamos assim, pode-se afirmar que existem outros mundos, ou seja, outras formas de compreender a realidade.

Fuga do Banal

"O estudo racional do real é como os filmes; a *tabula rasa* é apenas um truque cujo propósito é negar a ausências particulares qualquer valor ativo." (Virilio, 1991, p.31)

A racionalidade, com seus meios já estabelecidos de perceber o mundo, nega a existência de outras formas de percepção. A Razão explica o que está ao seu alcance e nega ou ignora aquilo que ultrapassa esse limite. A verdadeira essência do desaparecimento está na fuga dessa cultura dominante (banal, ordinário) que nos confere qualidades, nos empurra conceitos e compreensões e nos solidifica, dando respostas prontas e digeridas.

"Olhar o que você normalmente não olharia, ouvir o que não escutaria, estar atento ao banal, ao ordinário, ao infraordinário. Negar a hierarquia ideal do crucial e do acidental, porque não há acidental, apenas culturas dominantes que nos exilam de nós mesmo e dos outros. Este exílio é uma perda de significado, que é para nós não apenas um estado adormecido da consciência, como também um declínio na existência. Virilio, 37

Para que criemos um eu inteiro e independente, é necessário que o entendimento também seja completo. Tudo aquilo que nos define, experiências, objetos, ideologias, dentre outros, deve passar por nós para que a compreensão seja total. Por isso, é importante perceber o papel do indivíduo na construção desse entendimento do mundo. Se algo existe sem que tenha passado por você, como saber se realmente existe?

"O racionalismo aplicado é apenas uma filosofia vigente que quer expandir... pressa de pensamento sistemático, propensão autoritária que ninguém questiona..." (Bachelard)

Tempo e espaços

"Através do cronotropismo Bergsoniano pode-se imaginar que 'diferentes ritmos de duração, mais rápidos ou mais lentos, mediriam o grau de tensão ou relaxamento do consciente e estabeleceriam seus respectivos lugares na sequência de acontecimentos.' Mas aqui a própria noção de ritmo implica um certo automatismo, um retorno simétrico a termos fracos ou fortes superimpostos pelo tempo vivido pelo sujeito. Com a irregularidade do espaço epilético, definido por surpresa e com uma variação de frequências imprevisíveis, não é mais uma questão de tensão ou atenção, e sim uma suspensão pura e simples (por aceleração), aparição e desaparecimento do real, partindo da duração." (Virilio, 1991, p.22)

“Ao envelhecer, ele percebeu que uma mesma duração pode ser utilizada de diversas formas, ou ainda melhor, de acordo com a nossa arte de ver, o mesmo tempo pode permitir que nos enganemos ou contemplemos algo de outra maneira que não a que pensamos estar vendo (Deus, neste caso, como Verdade do Mundo).” (Virilio, 1991, p.32)

Um exemplo mais evidente da relação de tempo, espaço e ausência é o do mágico e cineasta George Méliès, que durante uma filmagem rotineira de Paris se deparou com um problema técnico de sua câmera, causando uma interrupção seguida da retomada das filmagens. Ao projetar a película, ele percebeu que ali ocorria um espetáculo de transfiguração de objetos, como o de um ônibus que se transformara em um carro fúnebre e que mais tarde serviria de inspiração para suas metamorfoses de homens em mulheres. Como aponta Virilio, “os azares tecnológicos haviam recriado as circunstâncias dessincronizantes da crise picnoléptica.”

Rumos



Rodrigo Torres (RJ), Itaú Cultural.
Dois Tempos. Rumos, 2012.



Rodrigo Torres (RJ), Itaú Cultural. *Dois Tempos*. Rumos, 2012.



Rodrigo Torres (RJ), Itaú Cultural. *Dois Tempos*. Rumos, 2012.

Os Famosos e os Duendes da Morte



“O essencial é aquilo que está faltando.”

Paul Virilio

“Há sempre algo de ausente que me atormenta”

Camille Claudel

“Longe é o lugar onde a gente pode viver de verdade”

Os Famosos e os Duendes da Morte

Referências:

- LOPES, D. *O Homem que Amava Rapazes e Outros Ensaios*. Aeroplano, 2004.
- LOPES, D. *Delicadeza*. Brasília: UnB, 2007
- VIRILIO, P. *Esthétique de la Disparition*. Galilee, 1989.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas vol. III Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Editora Brasiliense, 2004.
- HALL, S. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora, 2006.
- CANEPPELE, I. *Os Famosos e os Duendes da Morte*. Iluminuras, 2010.
- DRAVET, Florence; CARVALHO, Gustavo de. *A estética vertical e a ética do desaparecimento em Juarroz e Rimbaud*. Em:
http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_6_DravetCastro.pdf Acesso em: 2 setembro 2012.